

A IDENTIDADE CALASÂNCIA DO NOSSO MINISTÉRIO

Cientes de que uma das chaves fundamentais da QUALIDADE é a IDENTIDADE, o 46º Capítulo Geral das Escolas Pias aprovou uma Declaração Capitular sobre “a qualidade na prática do nosso ministério”. Essa declaração propõe dez elementos da identidade como “marco comum a toda a Ordem”, para expressar com clareza “o caráter integral da formação integral que oferecemos”.

Estes são os dez elementos de identidade próprios do nosso ministério escolápio:

- 1.A centralidade de crianças e jovens.
- 2.A Opção pelos pobres.
- 3.A qualidade educativa e pastoral.
- 4.O anúncio do Evangelho.
- 5.A transformação social (“a reforma da sociedade”).
- 6.A missão compartilhada.
- 7.A integração da família.
- 8.O acompanhamento.
- 9.A capacitação de educadores.
- 10.O sentido de pertença à Igreja.

A Ordem considera que o “crescimento em nossa própria identidade” é um dos grandes desafios a que hoje temos que dar resposta em todas as nossas obras, sejam quais forem. Temos de crescer em identidade calasância em nossos colégios, paróquias, obras de educação não formal e todas aquelas plataformas de onde tratamos de evangelizar, educando as crianças e jovens que Deus coloca em nosso caminho.

A identidade escolápio não é uma reflexão teórica, nem uma série de características desconexas, a partir das quais trabalhamos, nem uns objetivos educativos ou pastorais. A identidade calasância consiste em tornar aquilo que vivemos e fazemos, realmente, um reflexo –fiel e criativo- da intuição carismática do fundador. Esse é o desejo e compromisso das Escolas Pias, e de todos os que têm descoberto, desde qualquer vocação, o imenso tesouro que o carisma de Calasanz oferece à Igreja e à sociedade.

Por isso, todos estamos chamados a cuidar dessa identidade. É uma exigência para todos os que estamos comprometidos na construção das Escolas Pias: os religiosos escolápios, os membros das Fraternidades Escolápias, os educadores, todo o pessoal que trabalha em nossas obras, os alunos, as crianças e jovens a que atendemos e as famílias. Todos nós estamos chamados a viver a partir do nosso carisma. Só assim cresceremos em identidade calasância.

A identidade é um valor real quando quem é seu depositário não a sente como própria e exclusiva, mas como um dom para todos, como uma oferta, como uma possibilidade; quando não a entende como um conceito, mas um estilo de vida, um modo de trabalho e uma maneira de educar; quando gera contextos e espaços nos quais é possível crescer nas chaves escolápias; quando as demarcações trabalham mais a fundo para convidar as pessoas a descobrirem e avançarem; quando nossas obras são transformadas por essa identidade e não ao contrário, ou quando se percebe que há “alma”, e “alma escolápio” e encarnada.

Este documento pretende isto: que possamos crescer em identidade escolápio em todas as nossas obras. Por isso, estamos convencidos de que não basta enumerar dez elementos de identidade. Precisamos explicitar os indicadores que constituem cada elemento e que o fazem possível. Por isso, a Congregação Geral encarregou ao Secretariado do Ministério a elaboração desses indicadores. Desse modo, a Ordem faz o esforço de concretizar o que busca e de se exigir caminhar por itinerários claros e objetivos que, efetivamente, nos ajudem a chegar à meta sonhada: um ministério escolápio dotado de uma crescente e revitalizada identidade calasância.

Junto a esses indicadores, o Secretariado do Ministério elaborou seis linhas transversais que podem ajudar a compreender mais globalmente essa proposta, servindo igualmente como instrumento de planejamento e avaliação de projetos. São estas:

- Análise da realidade.
- Reflexão e avaliação interna.
- Organização.
- Operacionalidade e implementação.
- Comunicação e sensibilização.
- Trabalho em rede.

Os diversos indicadores aprovados entendem-se mais globalmente a partir das seis dinâmicas que expressam essas linhas transversais. Há indicadores que ajudam a análise, outros a organização ou o trabalho em rede. Da combinação desses eixos transversais, deduz-se um trabalho mais dinâmico na perspectiva de construir identidade.

Acrescentamos, como anexo, algumas sugestões para o aproveitamento desse material. Em formato digital, publicaremos uma proposta de Planilha de Avaliação que poderá ser utilizada para avaliar internamente e programar nossa ação ministerial nas diversas plataformas em que trabalhamos (Educação Formal, Educação Não Formal e Paróquias).

Nosso desejo e proposta é que esses indicadores sirvam para que, em todas as nossas obras, nos empenhemos à tarefa de melhorar o caráter escolápico do nosso ministério, pelo bem das crianças e jovens aos quais nos dedicamos.

A todos, nossa saudação e melhores desejos.

A Congregação Geral.

Roma, 1º de novembro de 2011.

ELEMENTOS DA IDENTIDADE ESCOLÁPIA Proposta de Indicadores

1. Centralidade das crianças e jovens.

Orientação fundamental pela qual a plena realização humana e cristã e a felicidade das crianças e jovens constituem o núcleo da nossa missão.

Portanto, em nossas obras e presenças:

1. Conhecem-se, analisam-se e atualizam-se os perfis básicos da realidade das crianças e jovens com quem trabalhamos.
2. Fazem-se reflexões sobre as problemáticas mais relevantes que afetam a infância e juventude.
3. Consideram-se as decisões organizativas a partir da centralidade das crianças e jovens.
4. Traçam-se e aplicam-se planos de acolhida.
5. Traçam-se e aplicam-se os processos educativos e pastorais a partir da realidade evolutiva das crianças e jovens.
6. Conhecem-se e aplicam-se os protocolos de Proteção ao Menor.
7. Faz-se pública nossa opinião para sensibilizar sobre a situação da infância e juventude.
8. Difunde-se nossa intenção de sermos centros seguros e se comunicam os protocolos de Proteção ao menor.
9. Potencia-se o trabalho em rede como meio de ampliação do conhecimento, experiência e impacto sobre a realidade da infância e juventude. Tanto em redes internas (escolápias), como externas.

2. Opção pelos pobres.

Orientação fundamental de nossa ação pela qual optamos por uma educação popular, abrimos nossas obras a quem mais necessita, educamos a partir da perspectiva do pobre, oferecemos nossa proposta educativa a quem não tem possibilidade de acesso à educação formal e procuramos responder ao desafio que nos apresentam as novas pobreza que afligem as crianças e jovens.

Portanto, em nossas obras e presenças:

1. Analisa-se de maneira periódica a realidade social, econômica e cultural do entorno, como meio para repensar os novos desafios.
2. Faz-se reflexão, periodicamente, sobre a opção pelos pobres, atendendo aos problemas, causas e urgências do entorno próximo e das realidades sociais de maior abrangência.
3. Avalia-se, periodicamente, a composição social dos destinatários e sua evolução temporal para evitar a exclusão dos mais frágeis e pobres.
4. Impulsiona-se o funcionamento das obras e presenças a “tempo pleno”, oferecendo as instalações como espaços educativos não formais, evangelizadores, entre outros.
5. Define-se, no orçamento de cada Demarcação, o percentual de investimento social e das necessidades relacionadas com a opção pelos mais pobres.
6. Traçam-se e aplicam-se planos de acolhida.
7. Promovem-se processos curativos, educativos e de acompanhamento a destinatários com necessidades pessoais e formativas especiais (físicas, cognitivas, relacionais).
8. Preveem-se meios para garantir serviços a beneficiários bolsistas.
9. Revela-se a opção pela simplicidade e atitudes de proximidade, acolhida e inclusão nos estilos de vida e organização que desenvolvemos.
10. Expressa-se publicamente nossa vontade de ser uma entidade aberta e inclusiva.
11. Verifica-se e potencia-se o trabalho em rede com os agentes sociais, instituições eclesiais, serviços sociais e administrações públicas.

3. Qualidade educativa e pastoral.

Processo educativo mediante o qual em nossas obras oferece-se uma formação integral que prepara para a vida e compreende todos os componentes da ação educativa: finalidades, objetivos, conteúdos, metodologia, recursos e avaliação.

Portanto, em nossas obras e presenças:

1. Realiza-se uma análise do contexto que permita identificar as competências que o destinatário precisa adquirir.
2. Promove-se a renovação didática, a partir da reflexão coletiva sobre a própria prática e a leitura cuidadosa dos processos pedagógicos que se oferecem na sociedade.
3. Reflete-se sobre a atualização das linguagens, sinais e estruturas pastorais.
4. Avalia-se, com zelo, o ambiente institucional, a implicação das pessoas na organização e o seu grau de satisfação.
5. Organizam-se e planificam-se as atividades de forma coerente com a centralidade das crianças e jovens.
6. Garante-se que a liderança se exerça sob princípios de trabalho em equipe, cuidando dos órgãos colegiados.
7. Educa-se para a vida (educação integral).
8. Garante-se a existência de planejamento e avaliação em todos os âmbitos.
9. Potencia-se o desenvolvimento das competências do nosso alunado.

10. Assegura-se o enfoque social e o “olhar de fronteira”, seja qual for o contexto no qual esteja inserida a obra.
11. Promove-se a educação inclusiva, com capacidade de atender as necessidades de cada aluno, especialmente, o fracasso e abandono escolar.
12. Cuida-se do equilíbrio entre a excelência e a equidade; entre a atenção aos pobres e a sustentabilidade.
13. Procura-se o uso e a criação de métodos práticos e simples.
14. Procura-se obter certificações de qualidade para melhorar a organização.
15. Cumpre-se com as normativas laborais em cada país e com trato igualitário.
16. Comunicam-se a missão, visão e valores da organização.
17. Faz-se pública nossa oferta educativa e pastoral.
18. Compartilham-se, em rede interna e externa, as “boas práticas”, metodologias e formas de organização.
19. Favorece-se a criação de redes de avaliação.

4. Anúncio do Evangelho.

Processo pastoral mediante o qual em nossas obras anuncia-se de forma explícita o Evangelho, procura-se viver em conformidade com ele e se promovem a catequese, ações solidárias, a oração contínua, a vida espiritual, a vida sacramental, o discernimento vocacional e a inserção na Igreja.

Portanto, em nossas obras e presenças:

1. Conhece-se e analisa-se a realidade sociológica dos destinatários da evangelização.
2. Analisam-se os documentos da Igreja, reflexões de atualidade teológica e pastoral.
3. Analisa-se a realidade e importância da formação religiosa e catequética em horário escolar ou fora dele.
4. Quantifica-se e avalia-se a realidade sociológica dos destinatários da evangelização.
5. Promove-se uma reflexão sobre a dimensão evangelizadora do nosso projeto educativo.
6. Conta-se com os meios e estruturas para a formação dos educadores e agentes de pastoral.
7. Organizam-se os processos catequéticos contemplando os seguintes aspectos: formativo, espiritual, vivência grupal ou comunitária, estilo de vida definido e identidade escolária.
8. Oferecem-se espaços de inserção eclesial dentro da própria Escola Pia.
9. Cuida-se da idoneidade dos agentes evangelizadores.
10. Formam-se educadores que possam acompanhar as pessoas na dimensão interior e espiritual.
11. Promove-se a iniciação grupal à oração, à interioridade, à escuta e ao compartilhar das crianças e jovens.
12. Promovem-se grupos de crescimento humano e cristão além da idade escolar; com um processo bem definido, objetivos e uma comunidade de referência.
13. Aproveita-se a catequese sacramental para evangelizar as famílias das crianças e jovens, preferentemente, nos processos continuados.
14. Organizam-se o voluntariado e a ação social como uma forma de pastoral.
15. Participa-se das propostas de evangelização que apresente a Igreja Local.
16. Visibiliza-se, de modo significativo, a condição de centros cristãos, eclesiais e escolários.
17. Estimula-se o voluntariado escolário aproveitando a rede que a Escola Pia tem no mundo.

5. Transformação social.

Finalidade da nossa ação pela qual pretendemos que as crianças e jovens descubram que vivem em sociedade, além da própria realidade individual, e se comprometam na construção de um mundo mais justo e fraterno, à luz do Evangelho.

Portanto, em nossas obras presenças:

1. Conhece-se e assume-se com responsabilidade o entorno social imediato.
2. Educa-se no espírito crítico e na autocrítica.
3. Avalia-se de forma crítica nossa própria vida e ações.

4. Abrem-se os espaços (físicos e relacionais) à participação e constituição de grupos, cujo objetivo seja o serviço e a mudança social.
5. Potenciam-se os espaços fé-cultura (*de diálogo*).
6. Favorece-se que os destinatários cresçam em autoconhecimento e se percebam como protagonistas do próprio projeto vital.
7. Favorece-se que nossos destinatários optem, desde seu próprio projeto vital, por fazer acontecer os grandes anseios de transformação social.
8. Considera-se a educação como fundamento e fermento para a mudança social em chaves de liberdade, justiça, inclusão, sustentabilidade e paz.
9. Visibilizam-se os compromissos e experiências relativas à mudança social, como sinais de coerência com nossa identidade.
10. Participa-se em fóruns e debates relativos à educação ou aspectos sociais e se expressa publicamente nossa opinião e compromisso.
11. Potencia-se a vinculação efetiva com redes orientadas à análise de temas educativos, de inclusão e da realidade da infância e juventude.

6. Missão compartilhada

Orientação pela qual se possibilita a corresponsabilidade aberta aos leigos com os quais trabalhamos juntos. Desenvolvimento de um “laicato escolápio” com o qual se compartilham o carisma e a missão escolápios e com o qual se formam comunidades cristãs em referência a nossas obras.

Portanto, em nossas obras e presenças:

1. Compreende-se a realidade vital e sócio profissional dos religiosos e colaboradores leigos.
2. Organizam-se e avaliam-se os critérios e processos que promovem e fazem crescer a identidade escolápio do nosso laicato.
3. Traça-se um plano de desenvolvimento escolápio que se adequa às diferentes modalidades de vinculação que se estabelecem entre nossos colaboradores.
4. Valoriza-se e potencia-se um ambiente laboral e relacional positivo, que supere as meras relações contratuais com nossos colaboradores.
5. Conta-se com momentos para compartilhar e celebrar a vida e a fé.
6. Impulsiona-se a cultura vocacional para descobrir e potenciar o carisma escolápio no projeto de vida de todos os educadores e agentes de pastoral.
7. Oferecem-se regularmente a nossos colaboradores leigos os adequados processos de comunicação e formação, em chave de identidade e pertença.
8. Estimulam-se os colaboradores leigos a que assumam seu compromisso de fé.
9. Identificam-se e atendem-se, de modo especial, os colaboradores leigos que assumem no seu fazer e ser uma alta identificação com a missão escolápio.
10. Impulsiona-se e organiza-se a comunidade cristã escolápio como referência da Missão Compartilhada, visível e aberta.
11. Faz-se público o desejo institucional de construir um projeto de missão compartilhada.
12. Conhecem-se e compartilham-se os trabalhos e experiências que dão certo nas diferentes Demarcações escolápias e em outras entidades.

7. Integração da família.

Orientação pela qual se busca a implicação e integração da família na obra escolápio.

Portanto, em nossas obras e presenças:

1. Conhece-se e reflete-se a realidade das famílias para impulsionar um bom diálogo e trabalho com elas.
2. Quantifica-se e avalia-se nossa proposta de trabalho com as famílias.
3. Conta-se com os meios e estruturas para trabalhar com as famílias.
4. Impulsiona-se um programa integral de trabalho com as famílias.

5. Oferece-se às famílias, com toda a sua diversidade, acompanhamento e formação, como ajuda para a formação dos seus filhos.
6. Oferecem-se às famílias processos de reflexão e esclarecimento da fé, bem como, uma referência eclesial significativa.
7. Convocam-se as famílias a participarem na Missão Compartilhada.
8. Oferece-se às famílias uma referência no âmbito social, com uma promoção dos valores de solidariedade, justiça e paz.
9. Oferecem-se às famílias espaços positivos e significativos de relação social.
10. Convidam-se às famílias a se integrar em diversos processos solidários e voluntários que a Ordem anima em nível local, demarcacional e mundial.

8. Acompanhamento.

Processo de atenção individualizada, mediante o qual se favorece que as crianças e jovens de nossas obras se sintam amados e respeitados como pessoas, lhes oferecendo todos os meios disponíveis para ajudar ao seu desenvolvimento integral: acadêmico, psicoafetivo, social e espiritual.

Portanto, em nossas obras e presenças:

1. Conhecem-se, analisam-se e atualizam-se os perfis básicos da realidade das crianças e jovens com quem trabalhamos.
2. Reflete-se sobre as problemáticas mais relevantes que afetam a infância e juventude.
3. Avaliam-se os indicadores de confiança entre acompanhantes e acompanhados.
4. Dispõe-se dos recursos humanos e materiais para realizar a acolhida e o acompanhamento.
5. Desenvolve-se o acompanhamento, respeitando a liberdade da pessoa acompanhada.
6. Impulsiona-se que os formadores sejam propiciadores de oportunidades de aprendizagem, acompanhantes próximos e referências de vida.
7. Traçam-se os itinerários para o acompanhamento integral.
8. Acompanham-se processos de conformação da identidade, relacionais e espirituais.
9. Impulsiona-se a formação de acompanhantes.
10. Divulgam-se a oferta e os programas de acompanhamento.
11. A oferta conjunta da Ordem, numa localidade, faz possível o acompanhamento durante todo o processo vital das pessoas.

9. Capacitação dos educadores

Processo formativo permanente e integral pelo qual se cultiva a identidade do educador escolápio (pessoal docente, não docente, agentes de pastoral, outros colaboradores), para que seja, na tarefa educativa e evangelizadora, a referência que define a Missão escolápica, aberta sempre à inovação e à melhora contínua.

Portanto, em nossas obras e presenças:

1. Analisa-se a realidade de nossos educadores.
2. Analisam-se as necessidades da sociedade.
3. Avalia-se a capacidade de nossas obras para satisfazer às necessidades sociais detectadas.
4. Conta-se com recursos e estruturas para a formação continuada de educadores e agentes.
5. Oferece-se formação adequada, tanto no âmbito da identidade, como da capacitação técnica.
6. Há processos de seleção, comunicação e formação, em chave de Missão Compartilhada.
7. Traça-se o perfil de competências do educador escolápio e a descrição das vagas de emprego.
8. Elabora-se um plano de formação orientado a que nossos educadores obtenham o perfil definido.
9. Há planos de reconhecimento e estímulo aos educadores.
10. Sensibiliza-se à necessidade de uma formação continuada.
11. Difundem-se os planos de formação internos e externos.
12. Aproveitam-se os recursos materiais, pessoais e experiências bem sucedidas na Ordem e em outras entidades para a formação.

10. Sentido de pertença à Igreja.

Orientação pela qual nossas Obras sentem que formam parte da Igreja e fomentam comunidades cristãs escolárias. Participam da missão evangelizadora e de promoção humana na Igreja local e universal segundo nosso próprio ministério.

Portanto, em nossas obras e presenças:

1. Conhece-se a realidade eclesial e suas linhas pastorais fundamentais.
2. Estudam-se e compartilham-se documentos e linhas pastorais da Igreja.
3. Reflete-se e compartilha-se a especificidade da vida religiosa escolária.
4. Oferecem-se os meios para uma participação crescente na vida eclesial a todas as pessoas.
5. Oferece-se acompanhamento a partir da fé a todas as pessoas.
6. Estende-se nosso trabalho neste âmbito, além da idade escolar.
7. Assumem-se responsabilidades na Igreja Local em diálogo entre os Superiores e os Bispos (ou seus delegados) respectivos.
8. Visibiliza-se de forma clara nossa pertença à Igreja.
9. Apresenta-se nossa proposta de identidade à Igreja local e outras instituições eclesiais.
10. Mantém-se com a Igreja local e com outras instituições eclesiais uma relação de proximidade e colaboração, sem prejuízo da própria identidade.

TRANSVERSAIS

1. ANÁLISE DA REALIDADE
2. REFLEXÃO/AVALIAÇÃO INTERNA
3. ORGANIZAÇÃO
4. OPERATIVIDADE / IMPLEMENTAÇÃO
5. COMUNICAÇÃO / SENSIBILIZAÇÃO
6. TRABALHO EM REDE

Descrição

1. Análise da realidade
Refere-se ao processo de identificação dos elementos essenciais e suas decisões, que configuram a realidade à qual se dirige nosso ministério. Detecção orgânica de necessidades, interesses, recursos e possibilidades.
2. Reflexão/Avaliação Interna
Refere-se ao processo pelo qual se faz uma valoração da realidade externa e de nossa ação, para atualizar a tomada de decisões em favor de uma qualidade crescente de nosso ministério.
3. Organização
Refere-se ao processo de dispor e coordenar os recursos necessários (materiais, humanos, financeiros), que façam mais viável e eficiente nosso ministério.
4. Operatividade/Implementação
Refere-se ao conjunto de ações destinadas a pôr em prática as decisões tomadas a partir dos processos de análise da realidade e de avaliação/reflexão.
5. Comunicação/Sensibilização

Refere-se ao processo mediante o qual se desperta a consciência sobre as realidades que nos interpelam, fazendo públicas as respostas que damos na perspectiva de nosso ministério.

6. Trabalho em rede

Refere-se ao processo pelo qual pensamos, nos comunicamos e atuamos conjuntamente, compartilhando objetivos e recursos, unificando capacidades e esforços em favor de nosso ministério.